



Universidade de Brasília –
UnB Instituto de Artes
Departamento de Música
Licenciatura em Música

PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Thomáz Ribeiro Rocha

Brasília -

DF 2018



Universidade de Brasília –
UnB Instituto de Artes
Departamento de Música
Licenciatura em Música

Thomáz Ribeiro Rocha

PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Música do
Departamento de Música da Universidade de
Brasília, como requisito para obtenção do título de
Licenciado em Música.

Orientadora: Profa.^a Dra.^a Maria Isabel
Montandon.

Brasília-

DF 2018



Universidade de Brasília

Instituto de Artes
Departamento de Música

ATA DE DEFESA DE TCC

Tomáz Ribeiro Rocha

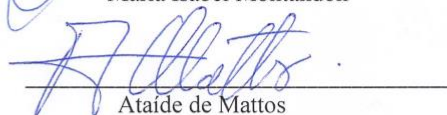
“PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO NO CONTEXTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA”

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Música sob a orientação da Professora Maria Isabel Montandon, segundo o Ato 58/2018 do dia 11 de dezembro de 2018, que nomeou banca de avaliação.

Brasília, 07 de dezembro de 2018.



Maria Isabel Montandon



Ataíde de Mattos



Francine Kemmer Cernev

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha vida e saúde.

À minha esposa e filhos pelo carinho.

Aos meus pais pelo apoio, paciência e cuidado.

À minha orientadora, Maria Isabel Montandon por ter me proporcionado momentos de reflexão.

Ao Departamento de Música da Universidade de Brasília pela proposta de pesquisa no curso de licenciatura.

A todos os pesquisadores que me deram embasamento para esse tema, por seus esforços em construir uma educação musical melhor no Brasil.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver repertórios para grupos de instrumentos em escolas da educação básica, com propostas de aplicação em sala de aula. Um fator determinante fomenta este trabalho, pois há carência de material didático sobre o tema. Bezerra (2014), Swanwick (2003), França (2002), Montandon (2014), Loureiro (2003), Tourinho (2004), Rocha (2018), discutem o ensino de instrumento em escolas de educação básica, incluindo temáticas como a formação de docentes na área da educação musical, metodologias e materiais em salas de aula da educação básica e seus estudantes. Assim, haverá propostas de atividades para aulas de música no âmbito do ensino de instrumentos na educação básica. O trabalho procura apresentar experiências e reflexões sobre estratégias de atividades para aulas de música, no contexto do ensino de instrumentos nas escolas de educação básica. As experiências foram adquiridas por meio do estágio docente, na universidade de Brasília. Apresentam-se propostas de modelos de atividades que foram utilizadas nesta prática, na qual procurei atender às necessidades de acordo com o contexto.

Palavras chave: Ensino coletivo de instrumentos; Ensino de instrumento na Educação Básica; Arranjo para grupos instrumentais iniciantes.

SUMMARY

This work aims to develop repertoires for groups of instruments in schools of basic education, with proposals of application in the classroom. A determining factor encourages this work, because there is a shortage of didactic material on the subject. Bezerra(2014), Queiroz(2009), Swanwick(2003), France(2002), Montandon(2014), Loureiro(2003), Tourinho(2003), Rocha (2018), discuss teaching instrument in elementary education schools, including topics such as training of teachers in the area of music education, methodologies and materials in basic education classrooms and their students. Thus, there will be proposals for activities for music classes in the scope of teaching instruments in basic education. This paper tries to present experiences and reflections on strategies of activities for music lessons, in the context of teaching instruments in primary schools. Experiences were acquired through teaching internship, at the University of Brasilia. Proposals are presented for activity models that were used in this practice, in which tried to meet the needs according to the context.

Keywords: Collective teaching of instruments; Instrument teaching in Basic Education; Arrangement for beginner instrumental groups.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Registro da música utilizada na primeira aula na EPAT– melodia...	13
FIGURA 2: Conhecendo a partitura (notação musical) para violino e Guitarra...	14
FIGURA 3: Conhecendo a partitura (notação musical) para violoncelo.....	14
FIGURA 4: Executando a música <i>We Will Rock You</i> a partir da corda Lá.....	15
FIGURA 5: Conhecendo a partitura (notação musical) para violino e guitarra.....	15
FIGURA 6: Conhecendo a partitura (notação musical) para violoncelo	16
FIGURA 7: Conhecendo o ritmo da música.....	16
FIGURA 8: Executando a parte B de <i>We Will Rock You</i>	17
FIGURA 9: Introdução parte A e B da música.....	18
FIGURA 10: Parte final da música.....	19
FIGURA 11: Ostinato criado em sala de aula para improvisação nas cordas Ré e Lá.....	22
FIGURA 12: Acompanhamento para composição nas cordas Ré e Lá.....	22

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
1.1 Trajetória do autor	02
1.2 Relato de experiência: Escola Parque Anísio Teixeira.....	05
1.3 Problemática.....	06
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	08
2.1 A relevância do ensino coletivo de instrumentos.....	09
2.2 Conteúdos, atividades e materiais das aulas de instrumentos	10
2.3 Tendências do ensino de instrumentos na atualidade.....	11
3. ROTEIRO DE ELABORAÇÃO DO MATERIAL PEDAGÓGICO.....	13
3.1 Partitura – Notação Musical.....	14
3.2 Utilizando as Tecnologias da Informação e Comunicação em sala de aula.....	21
3.3 Composição, improvisação e criação.....	22
3.4 Propostas de aulas pelo viés da composição.....	23
4. MATERIAL DIDÁTICO PARA ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a experiência com o ensino de instrumento em escolas de educação básica e propor repertórios e atividades de aulas para este formato e contexto.

O interesse pelo tema surgiu após acompanhar escolas de ensino regular do Distrito Federal durante doze meses. Nessa experiência, observam-se modelos e propostas de atividades para o ensino coletivo de instrumentos que continha o foco central em repertórios tecnicamente difíceis o que resultava em desinteresse dos estudantes e também direcionava o objetivo em conhecimentos de elementos teórico-musicais. A dificuldade de se focar em elementos teóricos e execução de determinados repertórios tecnicamente difíceis exige treino diário e essa condição impede a realização desse modelo de propostas, pois muitos estudantes não possuem instrumento, o que os impede de treinar todos os dias. Estabelecer metas de acordo com cada contexto de ensino é algo de grande importância para que propostas de aulas de Ensino coletivo/grupo tenham seus objetivos alcançados, suprimindo assim os desafios encontrados no sistema de ensino em algumas regiões do Brasil, tais como: salas de aulas com grande número de estudantes, salas de aulas em espaço adequado para aulas de música, falta de instrumentos para todos os alunos, dentre outros. Montandon aponta para essa problemática no ensino de instrumentos em grupo,

O ensino em grupo na escola regular, em especial, envolve grandes desafios—pelo número de alunos, pelo fato de serem obrigados a fazer a disciplina, e pelas condições geralmente desfavoráveis de ensino. Por isso, ele necessita de clareza sobre seus objetivos e possibilidades, dentro de cada contexto (MONTANDON, 2014, p. 2).

Por meio desses pontos que podem nortear o ensino e aprendizagem nessa modalidade - ensino em grupo – certificou-se que algumas metodologias utilizadas na educação musical, em nosso país, estão distantes do real contexto da educação. Durante essa experiência nas escolas de educação básica, observaram-se professores que utilizam métodos e metodologias que são preparados para realidades de ensino em outros países, fatores como dificuldade como idioma, repertório distante do cotidiano dos estudantes, prioridade na postura em primeiro plano, entre outros. Portanto, os professores, ao se apropriarem dessas metodologias, desenvolvem uma conduta que busca um sistema de ensino de música focado em elementos musicais, buscando assim um ensino fundamentado primeiramente em elementos teórico-musicais: ritmo, afinação, dinâmica, postura, entre outros. A possibilidade de ensino para estudantes que talvez tenham

contato como instrumento todos os dias, algo que não é possível nas escolas do Distrito federal, pois, na maioria das vezes, não há instrumentos suficientes para todos os alunos participarem nas aulas. Swanwick nos alerta que,

“Muitos esquemas curriculares contêm tentativas de focalizar as atividades recorrendo ao que se chama de “elementos” musicais, por exemplo, altura, duração, dinâmica, andamento, timbre, textura etc.” (SWANWICK, 2003, p. 59).

Entretanto, o ensino de música nas escolas do Distrito Federal não pode ficar atrelado a aplicar conceitos teóricos, deixando a parte de execução para segundo plano. Contudo, vivenciam-se nessa realidade de modelo de aula, estudantes que terão contato com um instrumento musical uma vez por semana, durante 45 minutos, rotatividade de alunos nas turmas, nível de compreensão musical distinto entre os estudantes, alguns possuem instrumentos, outros não, em alguns casos, os estudantes sendo obrigado a fazer a aula de música, o que pode provocar uma desmotivação.

Neste trabalho vou propõem-se atividades para ensino coletivo de instrumentos que possam estar de acordo com o contexto vivido no Distrito Federal e com as influências do cotidiano vivencia das por estudantes brasilienses em Escolas Parques. Propostas que tenham uma maneira simples de se compreender e conseqüentemente, de ser executadas; que tenham músicas tecnicamente simples; modelos de ensino que não tenham o foco restrito na leitura de partitura, mas que o estudante possa ser capaz de executar também por outras formas de aprendizagem, como a imitação. As propostas de aulas estão fundamentadas nos e seguinte tripé: apreciação, execução e criação.

1.1 Trajetória do autor

No segundo semestre de 2012, iniciou o curso de licenciatura em música, na universidade de Brasília. Embora tivesse entrado no curso licenciatura, ainda pensava em apenas dar aula do instrumento - viola clássica - que tocava desde a juventude. Entretanto, por meio de reflexões propostas em sala de aula por professores da universidade, percebeu que a formação na educação musical era algo mais heterogêneo, no sentido de obter um conhecimento mais amplo e que tinha vários segmentos além do ensino de instrumentos.

Ao iniciar o período de estágio docente na universidade de Brasília, no segundo semestre de 2016, veio a observar e desenvolver atividades de música em escolas da educação básica

pois, na maioria das vezes, não há instrumentos suficientes para todos os alunos participarem nas aulas. Swanwick nos alerta que,

“Muitos esquemas curriculares contêm tentativas de focalizar as atividades recorrendo ao que se chama de “elementos” musicais, por exemplo, altura, duração, dinâmica, andamento, timbre, textura etc.” (SWANWICK, 2003, p. 59).

Entretanto, o ensino de música na escola do Distrito Federal não pode ficar atrelado a aplicar conceitos teóricos, deixando a parte de execução para segundo plano. Contudo, vivenciam-se nessa realidade de modelo de aula, estudantes que terão contato com um instrumento musical uma vez por semana, durante 45 minutos, rotatividade de alunos nas turmas, nível de compreensão musical distinto entre os estudantes, alguns possuem instrumentos, outros não, em alguns casos, os estudantes sendo obrigado a fazer a aula de música, o que pode provocar uma desmotivação.

Neste trabalho propõem-se atividades para ensino coletivo de instrumentos que possam estar de acordo com o contexto vivido no Distrito Federal e com as influências do cotidiano vivencia das por estudantes brasileiros em Escolas Parques. Propostas que tenham uma maneira simples de se compreender e conseqüentemente, de ser executadas; que tenham músicas tecnicamente simples; modelos de ensino que não tenham o foco restrito na leitura de partitura, mas que o estudante possa ser capaz de executar também por outras formas de aprendizagem, como a imitação. As propostas de aulas estão fundamentadas no seguinte tripé: apreciação, execução e criação. No primeiro e segundo semestre de observação não foram encontradas escolas de ensino regular que tivessem esse recurso, nas proximidades da universidade. Mas, a escola Parque 210 Norte permitiu que fossem levados os instrumentos necessários para as práticas do estágio docente.

Sob apoio e incentivo da Professora Dra. Delmary de Abreu¹ desenvolvemos um trabalho em espécie de prática de conjunto para ser aplicado em atividades de aulas de música na escola Parque 210. Criou-se um arranjo musical para um grupo heterogêneo, pois havia violinos, flauta doce, teclado, percussão e canto-coral. Criar um arranjo para o grupo de estudantes da escola Parque foi algo que fez mudar a metodologia do autor, pois se começou a explorar uma outra abordagem para as aulas, que estivesse diretamente relacionada ao contexto encontrado em sala de aula, como quantidade de estudantes, que estilo de música os motiva,

¹ Trata-se de uma professora do departamento de música, no curso de licenciatura, na Universidade de Brasília – UnB.

quantidade de instrumentos disponíveis para os estudantes e avaliação do nível de compreensão musical entre os estudantes.

Percebemos que, ainda nos dias atuais, o sistema de ensino de instrumentos visa à formação de futuros concertistas, por conseguinte, o fazer musical fica condicionado a repetição de notas e de construção de técnica do instrumento (ROCHA, 2018, p.3).

Durante a elaboração de estratégias para a prática docente, a Prof. Dra. Delmary propôs que se fizessem reflexões sobre o contexto educacional para o qual se estava desenvolvendo um determinado arranjo: quantos alunos, faixa etária, contato com o instrumento quantas vezes por semana, se a escola usaria posteriormente o arranjo, entre outros fatores que cercavam aquele contexto escolar. Essa linha de reflexão foi de extrema importância, pois foram evitadas propostas de atividades convencionais - estas que têm o foco em teoria musical, metodologias que utilizam repertório tradicional de outros países, como, músicas, arranjos, adaptações que funcionam em outro contexto. Iniciaram-se observações do grupo de estudantes sob o real contexto vivenciado no cotidiano daquele grupo e utilizaram-se ferramentas adequadas para elaboração de propostas de atividades. O arranjo teve um direcionamento com base nesses fatores e isso foi motivador para os estagiários, pois se alcançaram resultados eficazes em suas propostas de atividades.

A parte inicial do arranjo foi por meio da tessitura de cada instrumento. Propôs-se algo que fosse esteticamente bonito de escutar e simples de tocar. Junto com os demais estagiários, decidiu-se colocar a música em uma tonalidade que favorecesse a execução dos violinos e dos demais instrumentos. A outra parte do arranjo estava relacionada a condições básicas da técnica do instrumento. No caso dos violinos, teve-se o cuidado de propor dedilhados simples - utilização de poucos dedos - e “golpes” de arco curto, facilitando a execução.

Buscou-se uma música que estivesse alinhada à proposta da escola para aquele semestre, cujo tema estava relacionado à natureza-flora. Elaborou-se um arranjo da música *I am Alive*, cantada por Caetano Veloso e outros músicos. A música atraiu a atenção dos estudantes, pois era cantada em diversos gêneros, desde o estilo clássico até o rap, com diversos instrumentos presentes em sua gravação, desde instrumentos, como, guitarra, violão, percussão e violino. Chamaram-se a atenção dos estudantes para esses elementos desde a letra até instrumentação. Nossas atividades para aulas da escola Parque tiveram como estrutura três momentos: executar a música, criar a música e conhecer elementos da música, como, pulsação, notação musical convencional e alternativa, dinâmica e outros.

Após a apresentação dos estudantes da escola Parque, percebeu-se o quão significativo

foi refletir sobre os elementos que estão envolvidos em uma proposta de atividades para aulas de música, esses que deverão estar sempre embasados no principal foco: estudante e o contexto que o cerca.

Por meio dessa prática na escola Parque, foi possível ao autor refletir sobre as suas atividades profissionais e verificar quais eram os princípios pedagógico-musicais para sua prática profissional, a qual estava relacionada a dar aulas em formato individual e coletivo, de violino e viola, para crianças, adolescentes e adotar novos princípios pedagógico-musicais, pois, anteriormente, utilizava uma abordagem espelhada naquela que havia sido aplicada em sua trajetória de estudante de música erudita - a técnica instrumental como fundamento central, sempre focando na *performance*. Mas, mediante essa situação, o autor percebeu que a abordagem deve estar embasada em outros princípios, como, proporcionar aos estudantes uma fazer musical espontâneo e prazeroso. Por meio dessa premissa, atuou na prática de estágio docente, por mais dois semestres em outras escolas. No próximo capítulo relata-se como foram as perspectivas em um desses estágios.

1.2 Relato de experiência: Escola Parque Anísio Teixeira

Ao cumprir a disciplina de estágio docente do curso de licenciatura em música da universidade de Brasília, fizeram-se observações em campo durante quatro meses. Essa atividade docente estava baseada em observar e atuar parcialmente em aulas de música da educação básica e outras, no Distrito Federal.

Nas escolas de Educação Básica, os estagiários efetuarão o estágio na disciplina de Arte, Ensino Fundamental e Médio, preferencialmente, com professores que atuam com a modalidade música no ensino de Arte, ou em projetos e oficinas de música que ocorram em espaços escolares e não escolares. Na Educação Infantil, os alunos desenvolverão estágio em atividades de musicalização ou em escolas de música e projetos (RESOLUÇÃO No 01/2013 DO GRUPO DE EDUCAÇÃO MUSICAL).

Observaram-se estudantes de uma escola do Distrito Federal, em que havia uma turma que chamava atenção pelo simples fato de haver instrumentos com os quais o autor tinha afinidade. Os estudantes possuíam faixa etária entre 11 e 17 anos, esses que freqüentavam a mesma oficina, uma vez por semana. Os Instrumentos ofertados nessa oficina eram violinos e violoncelo, porém havia a possibilidade inserir outros instrumentos caso fosse requerido pelo professor. Os estudantes estavam em nível de aprendizado musical distintos, alguns já tinham alguma experiência com aulas de música em um semestre anterior, entretanto o nível de conhecimento musical era elementar.

1.3 Problemática

Ao observar a proposta de aula do professor regente da turma observou-se que as propostas de aulas estavam alicerçadas em ensinar um determinado repertório, a ser repetida durante uma quantidade prevista de meses o que resultaria em uma apresentação no semestre. O professor fazia uma introdução à teoria musical em primeiro plano, ensinava aos estudantes as notas no pentagrama, fórmula de compasso e figuras rítmicas. Após a introdução e a teoria musical, os estudantes tinham contato com os instrumentos. O professor ensinava cada estudante alguns conceitos básicos de como segurar o instrumento e por fim, o inseria no grupo dos estudantes que já tocavam. Ao estarem no grupo, os estudantes aprendiam com o professor, por meio do canto, pois ele cantava as notas e ritmo da música para que os estudantes pudessem internalizar a música. Contudo, dificultava a comunicação entre os estudantes, pois não demonstrava por meio de uma execução em alguns dos instrumentos que havia na aula, algo que distanciava o aprendizado por imitação, principalmente em relação a postura e à técnica exigida para tocar esses instrumentos, tornando assim o aprendizado menos eficaz.

Durante o período da aula, o professor utilizava parte do tempo para aprender partes da música e parte do tempo para ensaiar os trechos já aprendidos, mantendo o foco na apresentação. O repertório utilizado nas oficinas era composto por duas músicas, “Cânone1”, retirado de um método de cordas e “Ode à alegria”. Os estudantes declaravam estar insatisfeitos com o repertório, alegando ser muito repetitivo e chato: “Novamente essa música, professor! essa música é muito difícil”,² de fato, a música estava arranjada em nível além do aprendizado musical da maioria dos estudantes, notas com ligaduras, utilização do arco em diferentes regiões, padrões de arcadas alternadas. Visto que a maioria dos estudantes estava tendo contato com o violino e violoncelo pela primeira vez naquele semestre, tornava difícil sua execução.

Outra observação feita pelos estudantes era: "Professor, que música chata; não tem outra música mais bonita; mais alegre?". Realmente, a música “Cânone um” tinha como característica principal o período renascentista, essa que por sua vez repetia o mesmo motivo melódico em momentos diferentes. Sobretudo, a utilização de ligaduras entre as notas, tornava a execução muito difícil. Outro ponto a se destacar, a música nunca fora apresentada aos estudantes, por meio de vídeos, áudio, ou até mesmo apresentação ao vivo por professores ou músicos convidados.

Ao relatar essas evidências, percebe-se a aplicação de um repertório distante do cotidiano dos estudantes e de difícil execução. Outro ponto é que o tempo de aula da oficina era

² Esta fala é um relato de um estudante mediante a proposta de uma aula de música que continha o objetivo central em ensaiar muitas vezes a mesma música.

apenas para ensaiar, tendo o professor como um treinador de notas musicais, sem haver momentos para criação, improvisação, reflexões sobre a escolha do repertório, discussão sobre conceitos técnicos e outros, mas apenas uma aula de comandos por parte do professor.

É necessário se reconhecer para que contextos se elaborem planos de aula. Encontram-se diversos aspectos que influenciarão na construção de propostas de aulas: contexto social, econômico, geográfico, cultural, faixa etária dos estudantes entre outros. Avaliar todos esses elementos possibilita o direcionamento para elaborar planos de aulas de acordo com o contexto de cada sala de aula.

2. REVISÃO DELITERATURA

Pesquisadores no âmbito da educação musical apontam para relevantes aspectos que a música traz no ambiente escolar, especialmente, pelo viés do ensino coletivo de instrumentos neste ambiente - escola de ensino regular. Cruvinel (2008) aponta valores que podem estar presentes nessa modalidade de ensino,

O Ensino Coletivo de Instrumento Musical pode ser uma importante ferramenta para o processo de socialização do ensino musical, democratizando o acesso do cidadão à formação musical (CRUVINEL, p.5).

No Brasil, encontram-se muitos estudos que relatam experiências com o ensino de instrumentos musicais no contexto da educação básica. Esse fato já é esperado, tendo em vista a realidade da pequena presença da música nesse contexto e as dificuldades existentes para seu fortalecimento. Santos (2008) nos convidam para refletir sobre os desafios e perspectivas para o ensino de instrumento na escola de educação básica. De acordo com “ele,” o ensino instrumental é uma modalidade que necessita ser problematizado por já se fazer presente em algumas escolas, mesmo que de forma isolada e não integrada com tendências atuais de ensino musical, como é o caso da prática coletiva desenvolvida nas bandas e fanfarras escolares “(p.287).

A realização desta prática no ambiente escolar está diretamente atrelada as dificuldades encontradas no ambiente escolar, como a falta de instrumentos nesses espaços, principalmente. Tourinho (2004) diz sobre a relevante mudança na educação musical, principalmente por meio do ensino de instrumentos.

Reconheço as dificuldades e utopia desta proposta no contexto educacional brasileiro da atualidade, mas as iniciativas de sucesso me animam a pensar na possibilidade de se concretizar um ensino musical de instrumentos, de forma coletiva, na escola regular. (TOURINHO, 2004,p.5).

A falta de estrutura das escolas brasileiras não está relacionada somente a música, mas também a matemática, física, química, geografia, história, português, inglês, educação física e todas as disciplinas da matriz curricular, portanto, cabe aos gestores e professores presentes nesses espaços propor uma mudança no sistema.

Contudo, o aspecto principal em relação ao qual se deseja fazer junto a literatura, está condicionado a estratégias e suas respectivas propostas de atividades que professores na educação musical brasileira utilizam. Por meio da fala de Tourinho (2004), percebe-se aspectos importantes para uma proposta de aula de música mais interessante: "aula de música precisa ser dinâmica, viva, não pode haver espaços em branco".

2.1 A relevância do ensino coletivo de instrumentos

É necessário fazer reflexões sobre a importância do ensino coletivo de instrumentos na educação básica, pois há uma enorme possibilidade de proporcionar aos estudantes um momento construtivo em seu aprendizado, esse que transcende o fazer musical convencional - o qual geralmente está atrelado ao conhecimento apenas de elementos teóricos. Por meio dessa metodologia acontece uma interação entre os estudantes, em que se fortalece o aprendizado e as relações deles entre si. Stervinou aponta fatores presentes nessa metodologia.

Vejo o ensino coletivo como sendo um método motivador no início dos estudos musicais por vários motivos: os estudantes se incentivam a tocar, eles colaboram na aprendizagem musical do grupo, aprendem a escutar e escutar os outros, adquirem habilidades na técnica instrumental do instrumento escolhido e também nos outros instrumentos presentes no grupo quando é uma prática heterogênea, adquirem competências na leitura de partituras, e também aprendem a viver em grupo, a respeitar os outros músicos e a se comprometer com o grupo (STERVINO 2014, p.25).

Cruvinel (2008), Montandon (2014), Stervinou (2014), Rocha (2018), Tourinho (2004) e outros pedagogos da educação musical, também apontam para a relevância desse formato de ensino no Brasil e os benefícios que traz para o ensino de instrumentos em grupo. Contudo, devemos levar em consideração as dificuldades presentes em nosso país. A falta de espaço para aulas de música, a falta de instrumentos para os estudantes, conteúdo adequado ao contexto das escolas, entre outros que desmotivam a não existência de um ensino coletivo de instrumentos nas escolas de ensino regular. Tourinho diz: "Reconheço as dificuldades e utopia desta proposta no contexto educacional brasileiro da atualidade, mas as iniciativas de sucesso me animam a pensar na possibilidade de se concretizar um ensino musical de instrumentos, de forma coletiva, na escola regular" (TOURINHO, 2004, p.5).

Devemos ter esperança em concretizar essa prática relevante nas escolas de ensino regular - Ensino Coletivo de Instrumentos na Educação Básica. Montandon (2014) reforça alguns pontos positivos sobre os benefícios do ensino em grupo/coletivo, como otimização do tempo, interação entre os estudantes.

As diversas vantagens e potenciais desse formato de grupo, incluindo um melhor uso do tempo, maior motivação para a aprendizagem, espaço oportuno ao desenvolvimento de uma aprendizagem colaborativa, ampliação e interação dos conhecimentos e habilidades musicais, dentre outros (MONTANDON, 2014, p.1).

2.2 Conteúdos, atividades e materiais das aulas de instrumentos

No ensino de instrumento, vivenciamos uma escassez de conteúdos, de atividades e materiais para aulas de instrumento, principalmente, quando nos dirigimos à aulas de instrumentos no âmbito das escolas de educação básica. Embora existam diretrizes para as aulas de música no Distrito Federal – currículo em movimento, sabemos da falta de materiais para o ensino de instrumento, pois a maioria das aulas são livremente desenvolvidas pelos professores, não havendo plano que direcione para uma metodologia que tenha proposta de atividades que sejam eficazes. Bezerra (2014), em sua dissertação diz que,

Não há materiais, conteúdos ou atividades previamente definidas pela escola ou pela SEDF. Cada professor planeja, seleciona e cria materiais e conteúdos de acordo com suas próprias vontades, influências e experiências (BEZERRA, 2014, p.113).

Pelo fato de haver poucos modelos de propostas de atividades apropriadas ao contexto encontrado nas escolas de educação básica, os professores têm a liberdade de desenvolver suas próprias propostas de aulas de acordo com sua vivência adquirida em sua carreira como estudante de música. Algo questionável quando temos informações que a formação acadêmica dos professores que atuam na área da educação musical, não abrange totalmente tal conhecimento, na maioria dos casos nem formação específica há na área, alerta Bezerra (2014). Contudo, não foram encontrados materiais ou projetos específicos para o ensino de música na escola, e que, de acordo com Bezerra (2014), os professores têm liberdade de organizar seus conteúdos, propostas e materiais.

Embora nem sempre o que é mais fácil para os professores é também para os alunos, a forma de organizar os conteúdos realizada nas EP ocorre pelo que os professores consideram mais “fácil”... Outra forma de organizar os conteúdos é baseada na forma como aprenderam a tocar, conforme aprenderam em suas trajetórias de formação (BEZERRA, 2014, p.116).

Por meio da pesquisa de Bezerra (2014), nas escolas de ensino regular do Distrito Federal, podemos refletir sobre propostas de atividades propondo as específicas para o ensino coletivo de instrumentos em escolas pública ou privadas: qual princípio está utilizando para criar propostas de aulas; por que as aulas trabalham apenas o repertório/músicas que professores propõem? Por que a escolha da música é tecnicamente difícil para os estudantes? Qual experiência realmente está propondo aos estudantes; qual estímulo está usando para os estudantes inventarem suas próprias músicas

Percebe-se que por meio dessas questões que são colocadas em reflexão, necessita-se rever nossos planos de aula, que muitas vezes são direcionados para e embasadas em fundamentos que estão distantes do contexto de cada região. Muitas vezes não se visa o fazer-musical de forma prática, através da execução de um instrumento, mas em obter conhecimento teórico e, que de fato, é algo que não deve estar na primeira camada do ensino. A aula deve ser dinâmica, de acordo com Tourinho. Evitando aulas com muita teoria e pouca execução, essas que são menos dinâmicas. Essa premissa trago por meio da reflexão da pesquisadora e educadora musical Tourinho (2004),

A aula de música precisa ser dinâmica, viva, não pode haver espaços “em branco”, o professor precisa ser assíduo, pontual, exigente, flexível... Um super-professor! Precisa ser competente para conferir autonomia e possibilidade de participação ao estudante, e ainda assim manter o controle da classe. (TOURINHO, 2004, p.4).

Devemos ter plena consciência sobre quais pressupostos nossas aulas de música devem estar alicerçadas. Cruvinel (2008) reforça alguns dos pressupostos que podem guiar nossos planos de aula: enfoque na musicalização, iniciação à técnica instrumental, valor humanístico da música e um ensino que favoreça a inclusão social. Também, podemos mencionar o contato espontâneo com a música através de métodos menos sistemáticos, a utilização de repertório presente no cotidiano dos alunos e atividades que estimulem a criação, favorecendo a motivação em sala de aula.

2.3 Tendências do ensino de instrumentos na atualidade

Loureiro (2003) alega que “Durante o processo de construção do conhecimento musical, partimos do pressuposto de que é melhor aprender, construir ou adquirir novos conhecimentos se for através do prazer, da estimulação e da vivência” (p.102). A autora nos convida a refletir sobre um direcionamento de planos de aula que enfoque na experiência de vida dos estudantes, planos de aulas que visam o aprender de forma prazerosa proporcionando aos estudantes um diálogo de “mão dupla”, aonde eles possam expor suas idéias e assim, possam ser transformadas em música. Acompanhando esse pensamento, podemos perceber a necessidade de desenvolver atividades para aulas de música. Uma vez que o foco dessas propostas de atividades de aulas de música esteja fundamentado em proporcionar aos estudantes um contato espontâneo com a música - sem obrigatoriedade de ser um concertista, mas simplesmente por ter uma chance de interagir em grupo, trazer suas vivências de músicas do seu cotidiano, dessa forma vamos obter

um resultado satisfatório.

Portanto, devemos repensar em utilizar um repertório presente no cotidiano dos alunos e, atividades que estimulem a criação, considerando os estudantes como inventores de seu fazer musical e que, por meio desses pontos, possamos encontrar a motivação em sala de aula. Rocha (2018) atesta sobre a relevância de ter músicas que estão presentes na vida dos estudantes, como músicas de filmes, desenhos, séries, novelas, entre outros.

Seguindo as tendências, por Swanwick (1978), França (2002), Rocha (2018), no âmbito da educação musical, direcionada para o viés da criação/composição, cabe aos professores propor momentos de criação, composição, improvisação, incentivando os estudantes a criarem suas próprias melodias, desde compreensão elementar, como, poucas notas e ritmos simples, até composições mais complexas. Rocha diz,

A falta de estímulo em propostas de aulas para o momento da criação, invenção e composição, torna o estudante menos criativo, pois não há estímulo para enxergá-lo como inventor. Propor ao estudante que ele crie com poucos conceitos pode ser o nosso maior desafio (ROCHA, 2018, p.3).

Nesse processo, os estudantes participam com suas opiniões desde a parte de criação de melodias e ritmos, até a parte de harmonização. Por meio dessa prática, o ensino pode ser considerado como um diálogo que recebe contribuição de ambos os lados - professores e estudantes - o que resultará em um aprendizado eficaz.

3. ROTEIRO DE ELABORAÇÃO DO MATERIAL PEDAGÓGICO

Ao se constatar carência de arranjos musicais para grupos heterogêneos de instrumentos, decidi criar arranjos para suprir aquela necessidade encontrada na prática de estágio docente. Nesse momento, percebeu-se como a formação acadêmica deve ter uma abrangência em múltiplas áreas da educação musical, pois ao se vivenciar essa necessidade de criar arranjos musicais, é necessário ter um breve conhecimento em harmonia, orquestração; conhecer sobre os instrumentos que estarão no arranjo, proporcionando uma execução em região ou registro que possa facilitar o aprendizado do estudante naquele instrumento; ter conhecimento sobre métodos e metodologias do ensino dos instrumentos.

Fatores relacionados aos estudantes devem ser levados em consideração ao criar um arranjo: conhecer o nível de conhecimento musical dos estudantes, assim, evita-se criar arranjo musical não compatível com o nível técnico-musical daquele grupo, prevenindo a desmotivação que poderia ser gerada pela dificuldade de executar o arranjo proposto pelo professor. Outro aspecto importante está relacionado à idade dos alunos, procurando assim propor um repertório que não seja algo desmotivador para aquela faixa etária.

Segundo Malcolm Boyd (2001), “um arranjo consiste em adaptar ou reescrever uma composição com certa liberdade, fato que suscita o conceito de recomposição. Para isto, subentende-se que é necessário um domínio relativo de estruturação musical, porém, os alunos irão elaborar arranjos de forma intuitiva dentro de suas possibilidades musicais, cabendo ao professor conduzir a aula de acordo com as dificuldades encontradas em sala” (apud CERQUEIRA, 2009, p. 133).

Durante as observações de aulas do estágio docente, percebeu-se quão distante estava aquele repertório de músicas que o professor titular estava propondo àquele grupo de estudantes que tinha idade entre 12 e 17 anos. Por meio dessa lacuna, propõem-se os estudantes uma música bem conhecida, *We Will Rock You*, essa que foi um sucesso do rock e que ainda hoje está presente em comerciais de televisão, em filmes, novelas e que freqüentemente a divulgamos pelas mídias.

Partindo diretamente para a música, sem mencionar elementos teórico-musicais, aprendeu-se tocar por imitação, pois, tocando-se no seu próprio instrumento e chamando-se atenção dos estudantes para os detalhes, mostrei como seria a disposição dos dedos naquela música. A figura 1 representa qual trecho da música fora ensinado naquele primeiro momento.

Figura 1 - Registro da música utilizada na primeira aula na EPAT - melodia.



Fonte: Thomaz Ribeiro Rocha³

Para o primeiro contato com os estudantes, as expectativas foram surpreendidas por ambos os lados, pois os estudantes vibraram com a música e sua facilidade de tocar. Por outro lado, foi extremamente surpreendente com o aprendizado dos estudantes naquele primeiro momento. É importante ressaltar, que pelo fato de tocar uma música que fosse empolgante para esse grupo de estudantes, tornou-se uma experiência prazerosa.

Ao se refletir sobre essa primeira prática, entende-se que a simplicidade do arranjo deve ser alvo, pois, a partir desse pressuposto, obteve-se um resultado satisfatório naquela aula de música. Visto que a aula de música não ficou presa em explanar elementos teóricos- musicais, como, ritmo, afinação, tonalidade, notação musical, em primeiro plano, mas a executar uma música, e após esse resultado, partiu-se para um próximo passo, isto é, conhecer sobre alguns elementos teórico-musicais que estavam presentes nessa música.

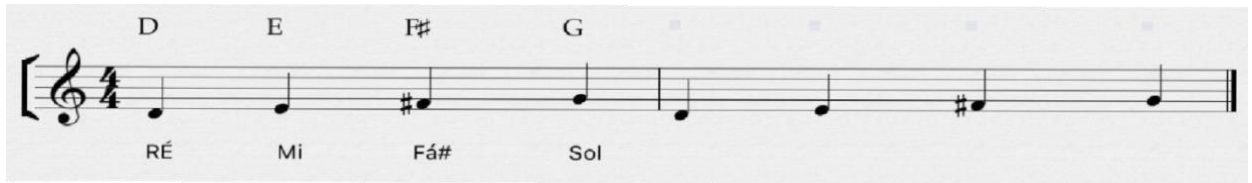
3.1 Partitura - Notação musical

Apresentou-se aos estudantes algo que é muito simples de entender, notação musical. Essa apresentação consistiu em um momento que estivesse atrelado com aquela música que foi executada, de uma forma natural e que fizesse total sentido. Começou-se a entender a notação musical, ou partitura, por meio da música que acabara de tocar, apresentou-se aos estudantes o nome da corda do violino, violoncelo, guitarra, e foi-se colocando as notas em cada dedo que fora utilizado anteriormente na música.

Devemos recordar que qualquer forma de notação musical é uma forma de análise, e que qualquer análise é, necessariamente, parcial e incompleta. Analisar é tomar uma seção específica da experiência intuitiva ampla e direcionar nosso foco para esse ângulo escolhido (SWANWICK 2003,p.50).

³ Estudante do curso de licenciatura em música, na Universidade de Brasília. Foi quem editou esse material.

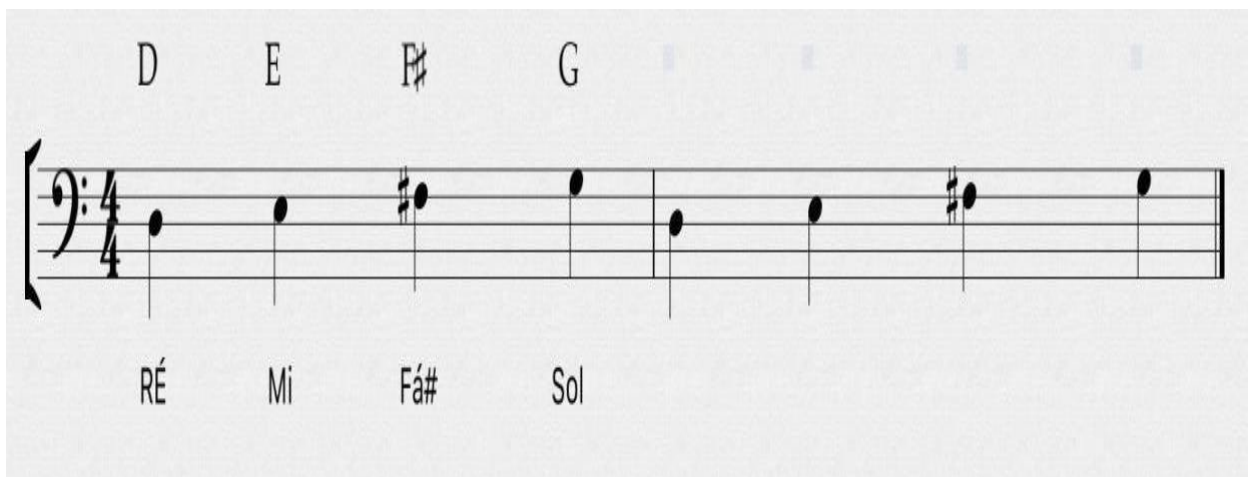
Figura 2 - Conhecendo a partitura (notação musical) para violino e Guitarra.



Fonte: Thomaz Ribeiro Rocha⁴

A figura 2 representa as notas da corda Ré do violino e da Guitarra. Utilizou-se a estratégia para ensinar as notas para os estudantes, partindo da corda Ré de cada instrumento, propunha sempre que acabava de conhecer as notas na partitura, que executasse nova nota e ao adicionar novas notas, repetiu-se as notas anteriores. É importante ressaltar que usou o nome das notas e também em uma linguagem moderna, que são as cifras. Essa é uma linhagem de ensino semelhante ao método *Essential Elements for strings* - "*Essential Elements for strings* é um método pedagógico-musical norte americano criado pela editora *Halleonard*. De forma interessante, apresentaram-se aos estudantes as notas, ainda que seja apenas uma nota por vez, é possível fazer música, pois para isso desenvolveu-se acompanhamentos e usaram-se celulares ou computador ou *tablet*, portanto o fazer - musical torna-se completo, e não apenas o fato de estar aprendendo uma única nota isolada.

Figura 3 - Conhecendo a partitura (notação musical) para violoncelo.



Fonte: Thomaz Ribeiro Rocha⁵

A figura 3 representa as notas da corda Ré do violoncelo. Utilizou-se a estratégia para ensinar

⁴ Estudante do curso de licenciatura em música, na Universidade de Brasília. Foi quem editou esse material.

⁵ Estudante do curso de licenciatura em música, na Universidade de Brasília. Foi quem editou esse material.

as notas para os estudantes que estavam aprendendo a tocar um instrumento mais grave, nesse momento abriu uma “janela” para explicação da família dos instrumentos, e que os instrumentos graves utilizavam a clave de fá como guia na partitura e os instrumentos agudos utilizavam a clave de Sol como guia, entretanto não se colocou o foco da aula nesta explicação, mas nas notas da partitura. Partindo da corda Ré de cada instrumento, propunha-se sempre que acabávamos de conhecer as notas na partitura, que executasse nota nova, e ao adicionar novas notas, repetisse as notas anteriores.

Na figura 4, encontra-se a representação do que se executou no próximo passo, em uma aula seguinte, apresentou a mesma música, mas a partir da corda Lá dos instrumentos. Portanto, seguiu-se na mesma metodologia no ensino dos instrumentos. Agora, conhecendo outra corda do instrumento, teve-se que fazer exercícios de leitura das notas na partitura, partindo da corda Lá dos instrumentos. Repetir a mesma música em outra corda foi considerado fácil para os alunos.

Figura 4 - Executando a música *We Will Rock You* a partir da corda Lá.

We Will Rock You-melodia

Arr. Thomaz Ribeiro

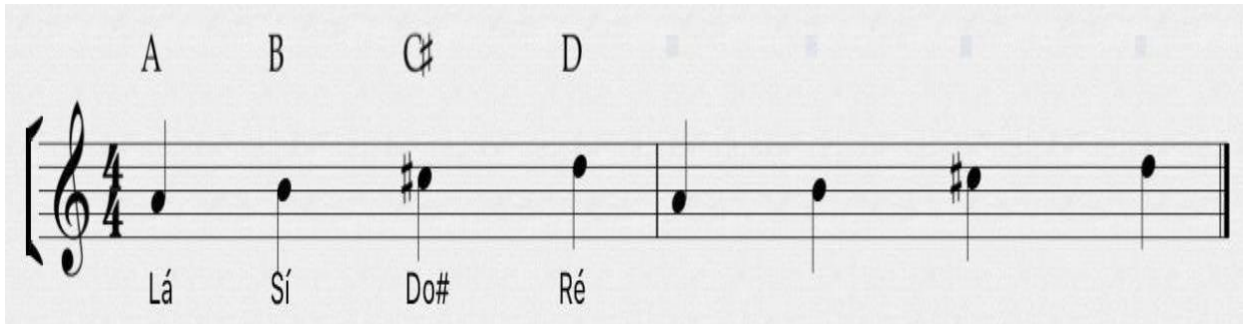
Arranjo para Escola Parque Anísio Teixeira

The image shows a musical score for three instruments: Violin, Cello, and Electric Guitar. The title is 'We Will Rock You-melodia' and the arranger is 'Arr. Thomaz Ribeiro'. It is an arrangement for 'Escola Parque Anísio Teixeira'. The music is in 4/4 time and has a key signature of one sharp (F#). The Violin part starts with a first ending bracket. The Cello part is in bass clef. The Electric Guitar part is in treble clef. The melody is simple and rhythmic, consisting of quarter and eighth notes and rests.

Fonte: Thomaz Ribeiro Rocha.

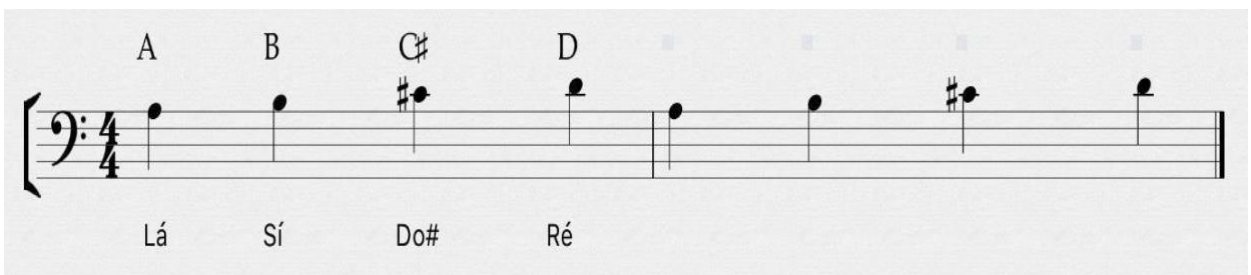
As figuras 5 e 6 representam os exercícios proposto para os estudantes de violino, guitarra e violoncelo, a partir da corda Lá.

Figura 5 - Conhecendo a partitura (notação musical) para violino e guitarra.



Fonte: Thomaz Ribeiro Rocha

Figura 6 - Conhecendo a partitura (notação musical) para violoncelo.



Fonte: Thomaz Ribeiro Rocha

Em um próximo momento, questionou-se aos estudantes se existiam apenas notas – altura de sons sucessivamente - em uma música e por meio desse questionamento, foram levados a uma reflexão sobre os demais elementos que poderia ser percebidos em uma música, sobretudo, direcionando a atenção naquele momento para o ritmo, esse que seria o tema da próxima aula. Na experiência do estágio docente, a colaboração com àquela escola não poderia ser apenas ensinar aos estudantes a memorizar uma melodia, mas que também tivesse um conhecimento para experiências futuras.

Ainda utilizando a mesma música, começou-se a explorar o ritmo da música. Iniciou-se com a parte prática, como foi feito na melodia, sem muitos conceitos técnicos do que se estava executando. Utilizou-se o nosso próprio corpo para executar aquele ostinato⁶ que era uma parte tão importante como a melodia. A figura 7 representa o ritmo executado.

⁶Ostinato - sequência de ritmos e notas que se repetem por várias vezes

Figura 7 - Conhecendo o ritmo da música.



Fonte: Thomaz Ribeiro Rocha

Após executar o ritmo da música utilizando o pé e a mão, solicitou-se aos estudantes que tentassem registrar, de alguma forma, no quadro, o ritmo que estava sendo executado. Os estudantes utilizaram formas diversas para registrar o ritmo, e todos estavam se expressando de forma correta. Ao aprofundar sobre o assunto, partitura, apresentou a eles os “compassos” e qual era sua função no pentagrama. Logo depois, apresentou-se a fórmula de compasso, em que o denominador representa a quantidade de tempos que se deve encontrar em cada compasso e que numerador representa o valor da figura que vale um tempo.

Na aula seguinte, apresentou-se aos estudantes uma nova parte da música. Seguindo-se o mesmo padrão de aprendizagem, entretanto, colocou-se a “nova frase” – a figura 8 representa esse novo trecho da música - no quadro e eles foram incentivados a falar as notas em primeiro plano, logo depois, executou-se o novo trecho da música e pedir que tocassem estudante por vez.

Figura 8 - Executando a parte B de We Will Rock You.

tímidos pelo fato de ter que tocar sozinho, mas rapidamente solicitou-se que executassem o trecho em duplas, para não desestimularem. Ao executar essa parte da música, repetiu-se a parte A e parte B e, também adicionamos a introdução, aquela parte em que se havia estudado o ritmo utilizando percussão corporal. Entretanto, decidiram-se os momentos que os instrumentos a melodia e o acompanhamento com a percussão corporal.

Algo muito interessante desse plano de curso é que se buscou transferir o conhecimento para os estudantes de uma maneira que não fossem muitas atividades para pouco tempo em aula e Swanwick (2003, p.50), nos direciona a uma reflexão sobre a quantidade de tarefas que estamos transferindo aos nossos estudantes, devemos ter consciência sobre a maneira de organizar e limitar as tarefas de sala de aula”. Por meio dessa consciência em organizar as tarefas, acredita-se que foi alcançado um resultado satisfatório no ensino e aprendizagem.

Após executar as primeiras seções da música, introdução, parte A e B, ensinou-se os estudantes outra seção, a parte final da música. Algo inusitado aconteceu nesta última parte da música, os alunos alegaram que já sabiam ler partitura, portanto acharam fácil tocar essa última seção, é de fato já sabiam encontrar as notas, o que tornou fácil a execução.

Há certa relevância nessas estratégias que foram utilizadas nesse plano de curso, pois os estudantes partiram desde o primeiro contato como instrumento para a prática, execução do instrumento e depois que executaram algumas notas, foram conhecendo os elementos teórico-musicais e logo se obtém o interesse deles. Entretanto, como professor no âmbito da educação musical é omissos em nossas atuações, pois se percebe abordagem que procuram apresentarem primeiro plano a teoria musical, especialmente, pela falta de material didático no contexto de ensino de instrumentos na educação básica em diferentes contextos.

Figura 9 - Introdução, parte A e B da música.

We Will Rock You Introdução, A e B

arr. Thomáz Ribeiro Rocha

Arranjo para Escola Parque Anísio Teixeira

The musical score is written for three instruments: Violino, Guitarra, and Violoncelo. It is in 4/4 time and features a repeating rhythmic pattern of eighth notes and rests. The score is divided into five systems, each containing three staves. The first system (measures 1-4) includes markings for 'Pé' (stomping) and 'Palma' (clapping). The second system (measures 5-8) continues the pattern. The third system (measures 9-12) introduces a new melodic line for the Violino. The fourth system (measures 13-16) continues the melodic development. The fifth system (measures 17-20) concludes the introduction with a final melodic phrase.

Fonte: Thomaz Ribeiro Rocha

Após tocar a última parte, juntaram-se todas as partes e executou-se a música do começo ao fim – a figura 9 representa a parte A e B da música e a figura 10 representa o trecho final do

arranjo. Ao iniciar um próximo momento, todos estavam sendo preparados para fazer uma apresentação no “intervalo cultural”, momento em que todos da escola assistiam alguns colegas que executavam um instrumento ou cantavam em pequenos grupos.

Figura 10 - Parte final da música.

We Will Rock You - parte final

arr. Thomáz Ribeiro Rocha

Arranjo para Escola Parque Anísio Teixeira

The image shows a musical score for three instruments: Violino (Violin), Guitarra (Guitar), and Violoncelo (Cello). The score is written in 4/4 time and features a key signature of one sharp (F#). The Violino and Guitarra parts are in the treble clef, while the Violoncelo part is in the bass clef. The music consists of a series of eighth and quarter notes, with a final measure containing a half note. A blue padlock icon and the number '1' are visible at the beginning of the Violino staff.

Fonte: Thomaz Ribeiro Rocha

3.2 Utilizando as Tecnologias da Informação e Comunicação em sala de aula

Um problema poderia ter prejudicado essa metodologia aplicada na EPAT, pois os estudantes não podiam levar os instrumentos para casa, como consequência não poderia treinar trechos da música estudada em sala de aula. Mas, uma alternativa para não ficarem tão distantes da música, as TICs⁷. Ao se frequentar a EPAT a fim de observar o público qual estaria atuando, quando o autor atuava como estagiário na docência musical, percebeu-se que os estudantes utilizavam celulares, fones de ouvido, caixinhas de som, MP3, MP4 entre outros aparelhos eletrônicos. Aproveitando-se de que a maioria dos estudantes desfruta desses recursos e fez-se uso de tal ferramenta para que os estudantes pudessem estudar enquanto estivessem fora da escola. Sempre que terminava uma parte da música, separava-se um momento para gravar o professor executando aquela parte da música o que serviria como estudo de casa.

Embora o acesso esteja nas mãos de muitas pessoas, o uso do dispositivo em salas de aula é pouco comum no Brasil, alega Angélica Nunes em uma entrevista concedida à revista Correio Braziliense em outubro de 2018. A utilização de celulares em salas de aula desperta

⁷ Tecnologias da informática e comunicações.

opiniões prós e contras, sobretudo pelo fato de estar tão distante dos licenciados que já passaram ou estão cursando em uma universidade. Para o especialista em tecnologias educativas da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), Gilberto Lacerda, a falta de recursos e de conhecimento dos professores, que não aprendem sobre tecnologias na universidade dificulta a adesão do celular como ferramenta de ensino. "Não é fácil. Há normas educacionais, didática do professor, diretrizes das escolas outros aspectos que fazem as instituições preferirem deixar isso de lado a adotar a inovação, explica Lacerda".

3.3 Composição, improvisação e criação

Embora estivesse consciente do que deveria propor em cada momento de uma aula de ensino de instrumentos, sabia exatamente que tinha que abrir um espaço para tornar esse “discurso musical” em um diálogo, esse que os estudantes pudessem trazer suas experiências musicais, ou mesmo, incentivá-los a criarem um discurso musical através de sua experiência de vida. Sabemos que os estudantes como cidadãos que vivem em uma determinada comunidade, possuem características e experiências do meio em que vivem, portanto, estabelecemos outro momento que pudesse acontecer em algum momento de cada aula, o momento da composição, criação, invenção. ROCHA (2018) alega que "a falta de estímulo em propostas de aulas para o momento da criação, invenção e composição, torna o estudante menos criativo, pois não há estímulo para enxergá-lo como inventor" (p.8).

Estabelecer um momento de composição para os jovens estudantes foi algo que transcende o fazer musical, pois através dessa prática os estudantes expressaram suas experiências de vida, pouco se preocuparam com os elementos teórico-musicais e técnicos do instrumento.

Incentivá-los a criar sua própria música não é uma tarefa simples, para alguns professores no âmbito da educação musical, pois não são convidados a criar suas próprias melodias, sobretudo pelo constrangimento de tocar algo errado e logo nos sentimos envergonhados de criar a nossa própria música, mesmo que seja um pequeno motivo melódico com poucas notas e com ritmos elementares.

Desenvolver o hábito de praticar composição, deve ser algo constante em nossa carreira como educador musical, pois através desse pressuposto motiva-se os estudantes a irem além do fazer musical convencional: construir notas e ritmos, e ter como foco central a performance.

A composição é um processo essencial da música devido à sua própria natureza: qualquer que seja o nível de complexidade, estilo ou contexto, é o processo pelo qual toda e qualquer obra musical é gerada. Esse argumento é suficiente para legitimá-la como atividade válida e relevante na educação musical (FRANÇA 2002, p.8).

Quando se fala em improvisação pode soar como algo muito complexo para músicos que possuem formação focada na música erudita, alegando ser um viés o qual é utilizado por músicos do âmbito popular. Através dessa premissa considera-se o ato de compor, criar, ou simplesmente inventar alguma melodia como algo distante da nossa realidade. Em conversa informal com uma professora que capacita novos professores para uma metodologia, ela me disse que não utiliza essa “ferramenta” em suas aulas por não ter conhecimento suficiente de harmonia avançada para aplicar nesse momento. Entretanto, a composição pode acontecer de inúmeras maneiras: algumas composições obedecem a dezenas de regras de contraponto; na improvisação, o intérprete deve ter amplo conhecimento em harmonia.

Embora grande maioria dos compositores/intérpretes tenha conhecimento em harmonia, regra de contraponto pode iniciar um momento de criação de maneira elementar, não apresentando aos estudantes todas as regras de contraponto, conhecimento amplo em harmonia, mas apresentar a essência da composição, que é criar, mesmo que seja com uma nota e poucos ritmos. E através de suas criações, proporcionaram aos ouvintes seu discurso musical, suas experiências de vida.

3.4 Propostas de aulas pelo viés da composição

Ao estabelecer um momento de criação, composição, improvisação, nas atividades propostas nas aulas de música da EPAT apresentaram-se modelos de criações de forma elementar. Tocava duas notas e com ritmos diferentes compunha novas melodias, da mesma propunha aos estudantes que comesçassem suas composições.

Por meio da imitação, apresentaram-se as notas da escala de Ré maior, por meio da execução instrumental, eles tocavam as notas em seguida. É importante ressaltar que o pressuposto principal não estava fundamento em formar grandes concertistas, mas de explorar as inúmeras possibilidades de criar, portanto não se buscava em primeiro plano em construir apenas uma boa postura, mas proporcionar uma experiência relevante para aquele grupo de estudantes em que acrescentava outros elementos - técnica do instrumento, postura, notação musical.

O momento funcionava assim: separavam-se por naipes os instrumentos, apenas para ter vozes diferentes. Distribuíam-se as notas do acorde de uma tonalidade entre os naipes.

Estabelecia-se em ritmo para que cada naipe tocasse e através disso, criava-se um ostinato, assim tinha-se um acompanhamento para criar nossos improvisos. Cada um saía do grupo para fazer seu improviso enquanto o restante do grupo continuava a executar o ostinato. A figura 11 representa o acompanhamento criado em sala de aula.

Figura 11 - Ostinato criado em sala de aula para improvisação nas cordas Ré e Lá

Ostinato em Ré

Acompanhamento para composição na corda Ré

Thomaz Ribeiro Rocha

♩ = 110

Violin

Guitar

Cello

Fonte: Thomaz Ribeiro Rocha

Em outros casos levaram-se alguns *playbacks* criados pelo autor para ser tocado nesse momento das atividades de criação. Como mostra a figura 12.

Figura 12 - acompanhamento para composição nas cordas Ré e Lá

Playback para composição em D

E-book

Thomáz Ribeiro Rocha

Violin

Viola

Double Bass

Grand Piano

Fonte: Thomaz Ribeiro Rocha

Esse mesmo momento aconteceu de outras maneiras, bastava acontecer um incentivo da parte do professor que os estudantes adoravam vivenciar esse momento. Após conhecer outras maneiras de improvisação, como a voz e corpo passaram-se a desenvolver propostas de atividades que os estudantes utilizassem não apenas os vossos instrumentos, mas também seu corpo para fazer suas próprias músicas.

4. MATERIAL DIDÁTICO PARA ENSINO COLETIVO DE

ATIVIDADES PARA

Ensino de instrumentos

Levada solta

**LIVRO DIDÁTICO
COM SEIS MÚSICAS E PROPOSTAS
DE ATIVIDADES PARA ENSINO
COLETIVO E INDIVIDUAL DE
INSTRUMENTOS.**

Repertório com playbacks

INTRUMENTOS

OBJETIVO:

ESTE MATERIAL TEM COMO OBJETIVO PROPORCIONAR AOS ESTUDANTES UM APRENDIZADO PRAZEROSO AO RELACIONAR-SE COM O MUNDO DA MÚSICA. AQUI, TEMOS UMA PROPOSTA DE SEIS MÚSICAS, PODENDO SER UTILIZADAS EM GRUPO OU INDIVIDUALMENTE. TODAS AS MUSICAS POSSUEM PLAYBACK PARA ACOMPANHAR AS MELODIAS. ESSA COLETÂNEA PROPORCIONARÁ AOS PROFESSORES DE MÚSICA UMA EXPERIÊNCIA FANTÁSTICA, ONDE NÃO SERÁ ENSINADO APENAS ELEMENTOS TEÓRICOS DA MÚSICA, MAS UMA EXPERIÊNCIA COM A PRÁTICA, EXECUÇÃO, TOCAR.

ATIVIDADES PARA ENSINO DE INSTRUMENTOS:

LEVADA SOLTA

PROPOSTAS DE AULAS PARA CADA MÚSICA:

AS MÚSICAS ESTÃO ORGANIZADAS EM ETAPAS DE APRENDIZADO.

NA PRIMEIRA MÚSICA, LEVADA SOLTA, VAMOS APRENDER AS NOTAS RÉ, MÍ, LÁ E SÍ.. NOTAS CURTAS E COM UM RITMO ENVOLVENTE.

NESSE PRÓXIMO PASSO, VAMOS ENSINAR AOS ESTUDANTES AS NOTAS DA ESCALA DE RÉ MAIOR, COM RITMOS CURTOS, FOCANDO APENAS NA FÔRMA DOS DEDOS. NÃO VAMOS FALAR SOBRE PARTITURA, RITMO E OUTROS ELEMENTOS.

NA SEGUNDA MÚSICA, CANÇÃO DA PRIMAVERA, VAMOS COLOCAR EM PRÁTICA A NOSSO CONHECIMENTO ADQUIRIDO NA MÚSICA ANTERIOR E REPETIR AS NOTAS RÉ E MÍ. TAMBÉM VAMOS CONHECER A NOTA FÁ SUSTENIDO. NESSA MÚSICA TEMOS A OPORTUNIDADE DE EXPLORAR A INSTRUMENTAÇÃO.

NA TERCEIRA MÚSICA, NORDESTINO-BRASILIENSE, VAMOS ACRESCENTAR AS NOTAS SOL E LÁ, PORTANTO TOCAREMOS AS NOTAS RE, MI, FÁ SUSTENIDO, SOL E LA. NESSA MÚSICA PODEMOS EXPLORAR RITMOS QUE CARACTERIZAM O ESTILO MUSICAL NORDESTINO, O "BAIÃO".

NA QUARTA MÚSICA, UM DIA QUALQUER, VAMOS COLOCAR EM PRÁTICA AS NOTAS QUE JÁ FORAM APRENDIDAS. PODEMOS APRESENTAR AS FIGURAS RÍTMICAS E SEU VALOR.

NA QUINTA MÚSICA, STRINGS PIZICATTO, VAMOS CHAMAR ATENÇÃO PARA AS NOTAS DÓ SUSTENIDO E RÉ. PORTANTO, EXECUTAREMOS AS DA ESCALA DE RÉ MAIOR.

NA SEXTA MÚSICA. POWER ROCK, NÃO CONHECEREMOS NOVAS NOTAS. ENTRETANTO, VAMOS EXPLORAR NOVOS RITMOS, UTILIZANDO A PERCUSSÃO CORPORAL. TAMBÉM PODEMOS FALAR SOBRE O ESTILO MUSICAL, O "ROCK".

Levada solta

Playback em D

Thomáz Ribeiro Rocha

♩ = 110



LEVADA SOLTA

NESSA MELODIA, TEMOS
A OPORTUNIDADE DE
INCENTIVAR OS
ESTUDANTES A
CRIAÇÃO
IMPROVISACÃO. AO
COLOCAR O PLAYBACK E
DE MANEIRA LIVRE,
PODEMOS CRIAR RITMOS
DIFERENTES E CRIAR UMA
NOVA MÚSICA.

ATIVIDADES PARA ENSINO DE INSTRUMENTOS:

LEVADA SOLTA

CANÇÃO DA PRIMAVERA

NESSA MÚSICA, VAMOS
OBSERVAR A
INSTRUMENTAÇÃO
ORQUESTRAÇÃO. APÓS
CONHECER O SOM
DESSSES INSTRUMENTOS,
INCENTIVAR OS
ESTUDANTES A CRIAR
UMA NOVA MELODIA.

Canção da primavera

Playback em D

Thomáz Ribeiro Rocha

$\text{♩} = 110$



ATIVIDADES PARA ENSINO DE INSTRUMENTOS:
LEVADA SOLTA

Nordestino - Brasiense

Thomáz Ribeiro Rocha



NORDESTINO-BRSILIENSE

AQUI, TEMOS UMA
MÚSICA QUE FOI
INSPIRADA EM UM
BAIÃO. ALÉM DA
MELODIA, PODEMOS
EXPLORAR RITMOS DO
ESTILO, EXECUTANDO
COM PALMAS E COM O
INSTRUMENTO.

ATIVIDADES PARA ENSINO DE INSTRUMENTOS:

LEVADA SOLTA

UM DIA QUALQUER

NESSA MÚSICA,
PODEMOS EXPLORAR
MOMENTOS DE
CRIAÇÃO. CRIAR
PARTES INDIVIDUAL
DE IMPROVISO E
DEPOIS JUNTAR
TODOS.

Um dia qualquer

Thomáz Ribeiro Rocha



Strings Pizzicato

Thomáz Ribeiro Rocha



STRINGS PIZZICATO

NESSA MELODIA, TEMOS
A OPORTUNIDADE DE
INCENTIVAR OS
ESTUDANTES A
CRIAÇÃO
IMPROVISACÃO. AO
COLOCAR O PLAYBACK E
DE MANEIRA LIVRE,
PODEMOS CRIAR RITMOS
DIFERENTES E CRIAR UMA
NOVA MÚSICA.

ATIVIDADES PARA ENSINO DE INSTRUMENTOS:
LEVADA SOLTA

Power Rock

We Will Rock You

Arr. Thomáz Ribeiro Rocha

1 **Pés e Mãos**

7 **Melodia**

14

21

28 **Pés e Mãos**

35 **Melodia**

42

POWER ROCK

AQUI, TEMOS UMA MÚSICA QUE FOI INSPIRADA EM UM CLÁSSICO DO ROCK. ALÉM DA MELODIA CONHECIDA, PODEMOS EXPLORAR RITMOS DO ESTILO, EXECUTANDO COM PERCUSSÃO CORPORAL E COM O INSTRUMENTO.

INSTRUMENTOS:

LEVADA SOLTA

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desses momentos vivenciados na EPAT, ao perceber necessidade de propostas de atividades para aula de instrumentos, elaborou-se um *E-book* que possa servir como material de apoio para professores de nesse âmbito da educação musical - ensino coletivo de instrumentos na educação básica. O material contém propostas de atividades que sejam musicalmente atraentes e tecnicamente fáceis. Repertórios com apoio de playback, onde o estudante encontrará parâmetros de afinação, ritmo, dinâmica, entre outros. Contudo, há sugestões de como realizar as atividades do Ebook, essas que são fundamentadas em um fazer- musical que priorize a execução. Propostas de atividades que podem ser adaptadas por outros professores de acordo com a realidade encontrada no contexto de ensino real.

O material desenvolvido pelo autor não poderia ser desenvolvido caso não existisse o apoio da Universidade de Brasília, mediante a qual foi possível ter uma experiência para adquirir conhecimento e posteriormente, transferi-lo aos estudantes. Especialmente, os momentos vivenciados na disciplina de Estágio Supervisionado em Música, sob orientação da Prof. Dr. Maria Isabel Montandon, que foram cruciais para fomentar a criação desse trabalho.

Nesse E-book haverá seis músicas para ensino coletivo de instrumentos na educação básica. As músicas são de nível elementar. Ritmos simples, poucas notas nas músicas, mas com um forte envolvimento, pois todas possuem playback para execução.

Ao concluir esse trabalho percebe-se uma enorme relevância de continuar “trilhando” no caminho da criação de um novo material para ensino de instrumentos, pois se pretende continuar a desenvolver esse trabalho no mestrado profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Verônica Gurgel. Os professores de instrumentos e suas ações nas escolas Parque de Brasília: Uma pesquisa descritiva, Brasília, 2014.

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Portaria no. 30, de 06 de fevereiro de 2006. Disponível em: <http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial/2006/02_Fevereiro/DODF%20028%2007-02-2006/Se%C3%A7%C3%A3o01-%20028.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2013.

CRUVINEL, Flávia Maria. O ensino coletivo de instrumentos musicais na educação básica: compromisso com a escola a partir de propostas significativas de Ensino Musical. 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/musicalidade/midiateca/praticas-musicais-vocais-e-instrumentais/praticas-instrumentais/o-ensino-coletivo-de-instrumentos-musicais-na-ed.basica/view>> Acesso em: 16 nov. 2015.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática, 2002.

CERQUEIRA, Daniel Lemos. O arranjo como ferramenta pedagógica no ensino coletivo de piano. *Revista Música Hodie*, v. 9, n. 1, ago. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/10744>>. Acesso em: 26 jul. 2018.

LOUREIRO, A. M. A. O ensino da música na escola fundamental: dilemas e perspectivas. *Educação*, v. 28, n. 1, 2003.

MONTANDON, Maria Isabel. A prática de ensino de instrumento em grupos nos Estágios Supervisionados Docentes, Campo Grande - MS, 2014.

ROCHA, Thomáz Ribeiro. Aprendizagem musical coletiva em sala de aula: um relato de experiência com alunos de instrumento. In: Anais... XV Encontro Regional Centro -Oeste da ABEM. Goiânia, 2018.

SANTOS, Carla Pereira dos. Desafios e perspectivas para o ensino do instrumento nas escolas de educação básica. In: ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 7.; SIMPÓSIO SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA MÚSICA POPULAR, 1.; ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 3., 2008. Brasília. Anais... Brasília, 2008.

STERVINO, Adeline. Ensino conservatorial versus ensino coletivo: algumas reflexões. Encontro Nacional Ensino Coletivo de Instrumento Musical. Salvador/BA. p. 25, 2014.

SWANWICK, Keith. *A Basis for Music Education*. London: Routledge, 1979.

_____. *Ensinando música musicalmente*. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

TOURINHO, C. Reflexões sobre o ensino coletivo de instrumentos na escola. I ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL. Escola de Música e Artes Cênicas/UFG/Campus II. GOIÂNIA – GOIÁS. 01 a 04 de dezembro de 2004.

ACESSO AOS PLAYBACKS

<https://soundcloud.com/thomaz-ribeiro-rocha/power-rock-1-mp3>

https://soundcloud.com/thomaz-ribeiro-rocha/levada-solta_pb-mp3